

1986, um ano bem brasileiro

1986 foi um ano bem brasileiro pela sua ciclotimia. Passamos rapidamente do pessimismo catastrófico à euforia delirante e estamos de novo no fundo do poço, estados de espírito tão conflitantes, muito próprios de nossa gente e que tendem a deixar perplexo e confuso o observador estrangeiro.

No início do ano, o governo parecia impotente para conter a espiral inflacionária, herança maldita da ditadura militar que ameaçava alcançar 600 a 700% ao ano, conforme a trocida do ex-ministro do Planejamento, Delfim Netto, e de sua confraria. O Plano Cruzado, elaborado em clima de exemplar sigilo e editado por corajosa decisão do presidente José Sarney, mudou a fisionomia do país e embalou a sociedade brasileira em radioso otimismo. Vivemos um mês da inflação zero, rico troféu da Nova República. Funcionou como estação de cura de tão antigo vício da nacionalidade. Houve efetiva melhoria do poder aquisitivo da população o que as filas e o agio apenas vieram confirmar. Houve mais gente com poder aquisitivo para comprar carne.

Só que não havia carne porque, no governo Figueiredo, ninguém queria investir em fazendas e gado, porque o que dava mais era a especulação financeira. Não havia casas para comprar pelos mesmos motivos, porque era mais rentável especular no open e no overnight. A economia foi reaquecida até o excesso. Nunca indústria e comércio venderam tanto. Os especuladores estimularam guerra psicológica contra o Plano Cruzado, alvo da má vontade de áreas do PT, do sistema financeiro e dos latifundiários, inquietos com a Reforma Agrária. A sociedade, porém, se mostrou tão feliz com o governo que Sarney registrou os mais altos índices de popularidade que um Presidente da República conquistou, entre nós. E o PMDB alcançou vitória em 22 estados, em eleições, realizadas em clima de plenitude democrática.

Em novembro, porém, as reservas cambiais baixaram a nível perigoso. Os bancos estrangeiros passaram a nos pressionar pelo pagamento dos juros da dívida. O governo foi compelido a podar o consumo interno, através de aumentos de preços e tributos para satisfazer aos compromissos externos.

Com os reajustes do Plano Cruzado, aparentemente acabou a lua-de-mel com a sociedade. A inflação voltou a ameaçar a economia brasileira, mas saudada, com satisfação, pelos que não sabem viver sem ela. O Brasil, que viveu dez meses dourados como bons tempos de JK, se rendeu, de repente, à tentação do derrotismo.